

PERFIL DAS MULHERES NA CADEIA PRODUTIVA DO CAFÉ NO MUNICÍPIO DE BOM SUCESSO – MG

Danielle Pereira Baliza¹José Alves Junqueira Júnior²

Ana Paula Marques da Silva³

Luiza Andrade Zenith⁴

Sérgio Parreiras Pereira⁵

Resumo: O presente estudo possibilita a visualização do perfil das mulheres que atuam em distintos setores da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso (Minas Gerais), por meio do qual é possível visualizar suas potencialidades e carências. As informações apresentadas visam provocar e auxiliar no planejamento de ações e políticas públicas para melhoria da qualidade de vida dessas mulheres, além de ampliar a visibilidade e conscientizar a sociedade sobre a importância do trabalho realizado por elas para o sucesso e o desenvolvimento sustentável da cafeicultura local.

Palavras-chave: mulheres rurais; cafeicultura; sustentabilidade.

Abstract: The present study makes it possible to perceive the profile of the women who work in different sectors of the coffee production chain in the city of Bom Sucesso - Minas Gerais, through which their potentialities and needs can be observed. The information presented aims to kindle as well as assist in the planning of actions and public policies to improve their life quality, in addition to increasing the visibility and social awareness of the importance of their work for the successful and sustainable development of local coffee.

Keywords: rural women; coffee; sustainability.

1 Doutora em Agronomia pela Universidade Federal de Lavras. Professora do IF Sudeste MG, Campus Avançado de Bom Sucesso. E-mail: danielle.baliza@ifsudestemg.edu.br.

2 Doutor em Recursos Hídricos em Sistemas Agrícolas pela Universidade Federal de Lavras. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais. E-mail: jose.junqueira@ifsudestemg.edu.br.

3 Técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais. E-mail: ana.paula.bfsmg@gmail.com.

4 Graduada em Zootecnia pela Universidade Federal de Lavras. E-mail: luizazenith.lz@gmail.com.

5 Doutor em Agronomia pela Universidade Federal de Lavras. Pesquisador do Instituto Agrônomo de Campinas. E-mail: sergiopereira@iac.sp.gov.br

Introdução

A cadeia produtiva do café do Brasil envolve tanto o trabalho de homens quanto de mulheres. Não se pode desconsiderar ou subestimar a atuação das mulheres na cafeicultura brasileira. Nos últimos anos, verifica-se que a mulher tem se tornado protagonista, sendo muitas vezes responsável pela introdução de novas práticas de produção, pelo teste de novas formas de cultivo e ainda se dedicando ao artesanato, à culinária e aos agrupamentos sociais, recuperando, desta forma, a cooperação em todas as esferas produtivas. Ela aparece como o centro de formação das articulações no meio rural, conectando, muitas vezes através da religiosidade, a família e a comunidade e movimentando a vizinhança para uma mudança de hábitos (LOVATTO et al., 2010).

Isso reforça a importância do papel que a mulher vem, gradativamente, ocupando no espaço agrícola. Até recente, as mulheres eram percebidas apenas por seu papel reprodutivo, papel este desempenhado no âmbito doméstico, diretamente relacionado aos afazeres da casa e os cuidados com a família, atividades consideradas obrigações naturais femininas e que não geram renda (SOUSA e VIEGAS, 2013). Nos dias atuais as mulheres desempenham outras atividades além de cuidar do lar. Elas atuam de forma relevante nos diversos setores ligados à atividade rural, mas muitas vezes não participam das decisões estratégicas. Muitas delas não reconhecem a relevância do trabalho que desempenham, mantendo-se ancoradas em alguma figura masculina, o que dificulta com que sejam vistas, ouvidas e respeitadas como parte interessada e fundamental para o futuro e a sustentabilidade da cafeicultura (MENEZES, 2015).

Isso se mostra relevante no contexto desta pesquisa porque, embora a mulher tenha uma participação ativa e contínua nas atividades agrícolas familiares, ela ainda é, muitas vezes, considerada apenas uma “ajudante”, alguém que está ali apenas para oferecer auxílio e, dessa forma, seu trabalho não é reconhecido e, pior ainda, ela não recebe remuneração nenhuma pelo mesmo. Este fato pode ser observado no estudo realizado em Rondônia, onde foi verificado que o trabalho feminino na cafeicultura do estado não apresenta grande visibilidade, pois a mulher possui menos liberdade que o homem, que atua como provedor

e administrador, não precisando permanecer em casa para cuidar de crianças e das demais tarefas domésticas. A mulher trabalha com o homem nas atividades agrícolas e também em atividades suplementares como a ordenha, caça e pesca, porém o seu trabalho é considerado como uma forma de “ajuda” (MACEDO e BINSZTOK, 2007).

Em virtude da participação das mulheres em vários setores da cadeia produtiva do café e da pouca valorização e visibilidade do seu trabalho, torna-se necessário verificar o perfil da mulher envolvida na cadeia produtiva do café. No entanto, até o momento são escassos os estudos sobre as relações de gênero na cafeicultura (ARZABE e HANA, 2015; MEIRA et al., 2013; MACEDO e BINSZTOK, 2007). Dos estudos citados anteriormente, apenas o trabalho realizado no município da Barra do Choça – Bahia, foi especificamente sobre a dinâmica das relações do gênero com ênfase na categoria “produção” (MEIRA et al., 2013).

Sabe-se que é necessário realizar estudos que levem em consideração as diversidades regionais. Pois, a falta de estudos regionais juntamente com a falta de dados oficiais sobre a situação e atuação das mulheres na cafeicultura são alguns dos fatores que dificultam o trabalho da Aliança Internacional do Café – IWCA-Brasil e demais entidades envolvidas nesse processo que lutam pela equidade de gênero na cafeicultura brasileira. Dentro deste contexto, o presente estudo propôs analisar o perfil das mulheres que atuam em distintos setores da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso, situado no estado de Minas Gerais.

Materiais e Métodos

O município selecionado para este estudo foi Bom Sucesso, localizado na região Oeste de Minas. A cafeicultura constitui atividade importante tanto econômica quanto socialmente neste município. Ele está entre os 150 maiores produtores de café do Estado, segundo dados da Emater-MG.

As regiões se caracterizam por altitudes acima de 800 metros e abaixo de 1200 metros e predomínio de relevo ondulado. As temperaturas média, mínima e máxima anuais são, respectivamente, iguais a 20, 14 e 26° centígrados. A precipitação total média é de 1400 mm.

A coleta das informações da presente pesquisa foi baseada na aplicação de um questionário semiestruturado a 28 mulheres que atuam nos principais setores da cadeia produtiva do café, dentre elas cafeicultoras (não cooperadas e cooperadas à Cooperativa Mista dos Produtores Rurais de Bom Sucesso (COOPERBOM)), trabalhadoras rurais e funcionárias da COOPERBOM, sendo, então, selecionadas sete mulheres em cada setor.

A seleção das entrevistadas se deu por meio de indicações da EMATER e da COOPERBOM, empresas que conhecem bem o município e cada uma das propriedades cafeeiras, bem como as pessoas que atuam na cadeia produtiva do café no município. Dessa forma, fizeram parte deste estudo apenas as mulheres indicadas pelas empresas. Destas indicações, a entrevista foi realizada com as sete primeiras mulheres indicadas que aceitaram participar da presente pesquisa.

Após a indicação dessas mulheres foi realizado inicialmente um contato telefônico, onde explicou-se resumidamente o motivo e o objetivo da pesquisa, e a partir do aceite, a entrevista foi agendada de acordo com a disponibilidade da entrevistada. Antes do início da aplicação dos questionários, houve um momento para esclarecer de forma mais detalhada como iria ser realizada a pesquisa, bem como a importância do referido estudo para a cadeia produtiva do café. Além disso, assumiu-se o compromisso de esclarecer as dúvidas que poderiam surgir durante a entrevista.

Houve também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual as entrevistadas assinaram, aceitando participar voluntariamente desta pesquisa, sem nenhum custo, livre de qualquer forma de remuneração e sem identificação em nenhuma publicação que resultasse deste estudo. Portanto, os riscos associados à participação destas mulheres no presente projeto foram mínimos, pois as chances de o diagnóstico gerado nesta pesquisa substanciar especulações na cooperativa e nas propriedades rurais e, conseqüentemente, interferir no trabalho executado por elas no seu ambiente de trabalho, foi praticamente nulo, já que foi guardado todo sigilo quanto à identificação de cada uma das participantes.

O questionário serviu como um guia da conversa, sendo composto por questões comuns à todas as entrevistadas, como dados pessoais, relação trabalho/família,

mulher na cafeicultura (realização profissional, visibilidade, desafios, dificuldades, entre outras questões), e questões direcionadas para as entrevistadas de cada setor da cadeia produtiva do café.

A aplicação dos questionários foi realizada por bolsistas do projeto sob a supervisão e orientação do professor orientador. Contudo, antes de ter sido iniciada a execução do projeto, um planejamento de todas as atividades previstas foi realizado com os parceiros e envolvidos, no qual foram detalhadas a metodologia para entendimento das atividades, o calendário e os responsáveis por cada etapa.

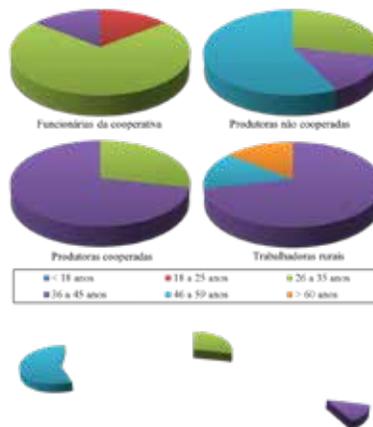
Os dados levantados pela pesquisa foram tabulados e organizados. Após a sistematização dos dados, os mesmos foram analisados por meio do software estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Science), que tem sido utilizado no meio acadêmico-científico e empresarial como ferramenta para o procedimento de análises (HAIR JUNIOR et al., 1995).

Resultados e Discussões

Perfil Geral Das Participantes

A primeira questão avaliada foi com relação à faixa etária das mulheres rurais, que pode ser visualizada na figura 1. Pela análise desta figura pode-se perceber que as funcionárias da cooperativa são as mulheres mais jovens (72% possuem idade entre 26 a 35 anos) entre os diferentes setores da cadeia produtiva do café de Bom Sucesso. O segmento das trabalhadoras rurais foi o único que apresentou mulheres com idade “acima dos 60 anos”, representada por 14% das entrevistadas. A faixa etária entre 36 a 45 anos foi a que apresentou o maior percentual de mulheres (72%) dentro desse setor. A maioria das cafeicultoras apresentam idade entre 46 a 59 anos. Como era de se esperar não foi identificada nenhuma mulher menor de 18 anos em nenhum dos setores. Em um estudo sobre a dinâmica das relações de gênero na cafeicultura, com ênfase no setor produtivo, realizado no município da Barra do Choça – Bahia, os autores entrevistaram 25 mulheres e verificaram que a idade das mulheres variava entre 20 a mais de 50 anos (MEIRA et al., 2013).

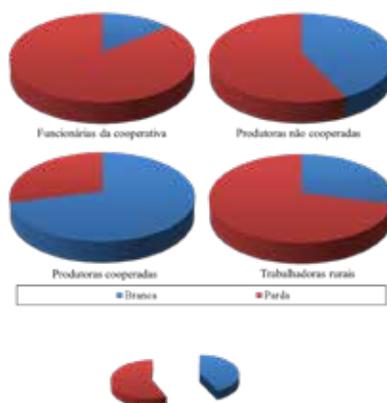
Figura 1. Idade das entrevistadas da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso - MG



Fonte: Elaboração Própria (2017).

A maioria das entrevistadas se auto-denominaram pardas, sendo: 86% das funcionárias da cooperativa; 71% das trabalhadoras rurais e 57% das cafeicultoras não cooperadas, com exceção das cafeicultoras associadas à cooperativa em que a maioria se declarou branca (71%) (Figura 2). Observou-se que os setores mais frágeis da cadeia produtiva do café do município, isto é, os ocupados pelas trabalhadoras rurais e pelas funcionárias da cooperativa, são os que apresentaram os maiores percentuais de entrevistadas pardas, ou seja, onde mais de 70% das entrevistadas se declararam pardas. Naturalmente esse posicionamento subordinado no mercado de trabalho, que só pode ser revelado com maior clareza através de estudos mais aprofundados, tem raízes históricas e é fruto da convergência de vários fatores, por exemplo, a discriminação racial e de gênero, as diferentes inserções socioeconômicas que engendram diversas oportunidades de acesso à riqueza, à educação, à cultura etc. (BRUSCHINI e LOMBARDI, 2001/02).

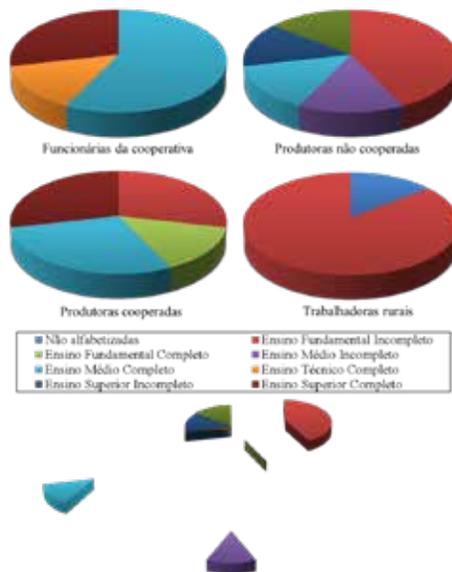
Figura 2. Raça/cor das entrevistadas da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso - MG



Fonte: Elaboração Própria (2017).

A Figura 3 representa a “Escolaridade”, onde pode-se observar que 100% das trabalhadoras rurais afirmaram possuir o ensino fundamental incompleto (86%) ou não são alfabetizadas (14%), ou seja, não completaram o 9º ano. Dentre às cafeicultoras não cooperadas e cafeicultoras cooperadas também houve um percentual significativo de mulheres que não concluíram o ensino fundamental, sendo 42% e 28% respectivamente. Em um estudo realizado sobre a dinâmica das relações de gênero no setor da cafeicultura, os autores entrevistaram 25 mulheres no município da Barra do Choça na Bahia e verificaram que a maioria das entrevistadas (52%) possuíam o ensino fundamental incompleto (MEIRA et al., 2013). Com relação às funcionárias da cooperativa todas possuem o ensino fundamental completo, sendo que a maioria (57%) apresenta o ensino médio completo, 14% o ensino técnico completo e 28% o ensino superior completo. Acredita-se que a formação acadêmica seja uma das exigências da cooperativa na contratação das mulheres. De maneira geral, nota-se que as mulheres do município de Bom Sucesso inseridas na cadeia produtiva do café necessitam de maiores oportunidades de estudo, principalmente, às trabalhadoras rurais assalariadas.

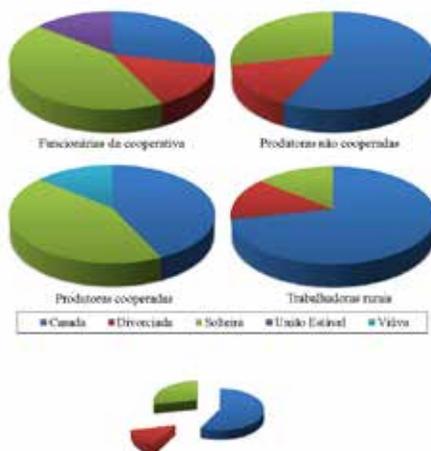
Figura 3. Escolaridade das entrevistadas da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso - MG



Fonte: Elaboração Própria (2017).

A informação apresentada na Figura 4 refere-se ao estado civil das entrevistadas. Pode-se observar que dentre as funcionárias da cooperativa e as cafeicultoras associadas à cooperativa verificou-se perfis semelhantes, em que 42% afirmaram ser solteiras e 42% moram junto com seus companheiros. Já entre as trabalhadoras rurais e as cafeicultoras não cooperadas constatou-se que a maioria das entrevistadas são casadas, 71% e 57%, respectivamente. Situação semelhante foi verificada em um estudo que entrevistou 13 mulheres líderes do movimento agroecológico brasileiro e constatou que mais da metade (61%) das mulheres eram casadas (SILIPRANDI, 2015).

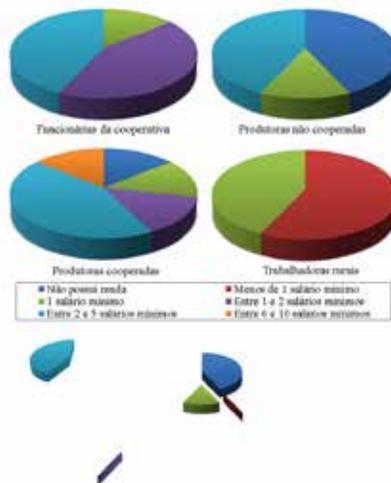
Figura 4. Estado civil das entrevistadas da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso - MG



Fonte: Elaboração Própria (2017).

Quando questionadas sobre sua renda mensal a maior parte das trabalhadoras rurais (57%), responsáveis, principalmente, pela colheita do café, declararam receber menos de 1 salário mínimo; enquanto 43% afirmaram receber um salário mínimo. Nenhuma das entrevistadas desse setor relatou receber mais que 1 salário mínimo por mês. No município de São Miguel do Anta, em Minas Gerais, foi conduzido um estudo com o intuito de investigar os efeitos do trabalho sazonal na colheita do café, no qual os autores constataram que a renda das mulheres entrevistadas era relativamente baixa (contudo, mais alta do que a observada no presente estudo), em que 49% recebiam de 1 a 2 salários e 23% menos de 1 salário mínimo (BARROS et al., 2014). Quanto às funcionárias da cooperativa, 43% das mulheres afirmaram receber entre 1 e 2 salários mínimos e o mesmo percentual entre 2 e 5 salários mínimos por mês. Nota-se que 43% das cafeicultoras não cooperadas participantes dessa pesquisa recebem entre 2 a 5 salários mínimos por mês e esse mesmo percentual de mulheres afirmou não possuir renda mensal, e aquelas que não possuem renda é porque contam com o recurso financeiro quando comercializam os grãos de café. Em relação às cafeicultoras cooperadas à cooperativa verifica-se que a maioria (43%) das entrevistadas recebem entre 2 a 5 salários mínimos mensais (FIGURA 5).

Figura 5. Renda mensal das entrevistadas da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso - MG

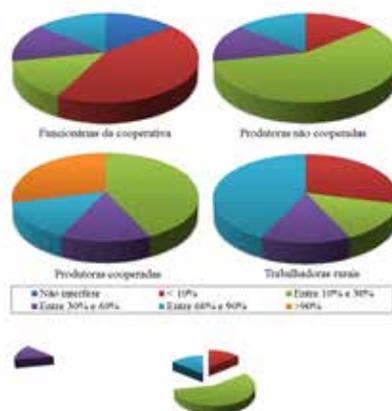


Fonte: Elaboração Própria (2017).

Ao perguntar para as trabalhadoras assalariadas quanto de sua renda anual é proveniente da cafeicultura, a maior parte das entrevistadas (43%) afirmou que mais de 90% de sua renda anual provém do trabalho realizado durante a colheita (“panha”) do café, pois 100% dessas entrevistadas possuem empregos temporários, ou seja, trabalham nas lavouras cafeeiras apenas no período da colheita do café. A maioria das trabalhadoras rurais não atua nas propriedades agrícolas durante todo o ano; elas trabalham apenas no período da colheita (SIMÕES et al., 2016). Sabe-se que o período da colheita de café na região Campo das Vertentes vai de abril/maio a agosto/setembro, e muitas dessas trabalhadoras só conseguem emprego formal no período da colheita. Nos outros meses do ano fazem faxinas, cuidam de crianças e idosos e ou cuidam das próprias casas, filhos e esposos. A renda adquirida pelas “apanhadoras” constitui um símbolo de segurança e de ganho, proporcionando autonomia e poder de decisão individual. Assim, as mulheres podem, com o dinheiro da “panha”, comprar roupas para a família, investir na educação dos filhos, comprar móveis, eletrodomésticos ou reformar a casa, entre outros (BARROS et al., 2014). Já a maioria das cafeicultoras, tanto às cooperadas (43%) quanto as não cooperadas (57%), declararam que a renda oriunda da cafeicultura contribui com um percentual entre 10 a 30%

em sua renda anual. Em relação às funcionárias da cooperativa nota-se que a renda proveniente da cafeicultura varia de acordo com sua atuação dentro da cooperativa, isto é, mulheres que atuam em setores ligados à venda de produtos e também à assistência técnica à cafeicultores têm sua renda mais influenciada pela atividade cafeeira (FIGURA 6).

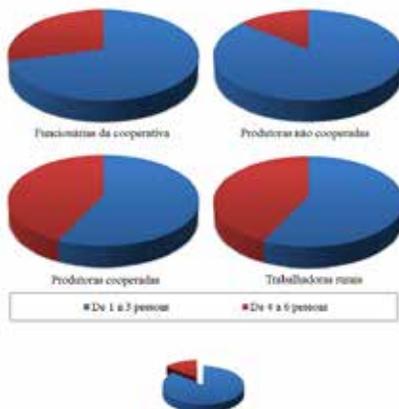
Figura 6. Percentual da renda anual das entrevistadas que é proveniente da cafeicultura



Fonte: Elaboração Própria (2017).

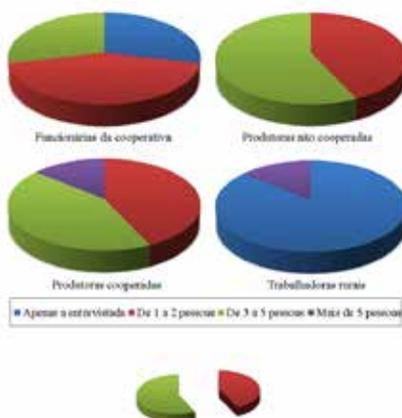
Nota-se que a maioria das entrevistadas, independente do setor que atuam na cadeia produtiva do café em Bom Sucesso (71% das funcionárias da cooperativa; 57% das trabalhadoras rurais e das cafeicultoras cooperadas; e 86% das cafeicultoras não cooperadas), afirmaram que em suas casas moram de 1 a 3 pessoas (FIGURA 7). E, ao perguntar quantas dessas pessoas que residem na casa trabalham com a cafeicultura, verificou-se que na maioria das residências pelo menos duas pessoas da família trabalham com a cultura do café, com exceção das trabalhadoras rurais em que a maioria (86%) afirmou que apenas ela trabalha na área (FIGURA 8). Essas informações demonstram e reforçam a importância econômica e social que a cafeicultura tem para o município, uma vez que parte significativa dos integrantes de cada núcleo familiar trabalha diretamente com o café. De acordo com o último senso agropecuário em Bom Sucesso, a produção de café destaca-se juntamente com a produção do leite, sendo as principais atividades econômicas do município (IBGE, 2006).

Figura 7. Número de pessoas que moram nas casas das entrevistadas da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso - MG



Fonte: Elaboração Própria (2017).

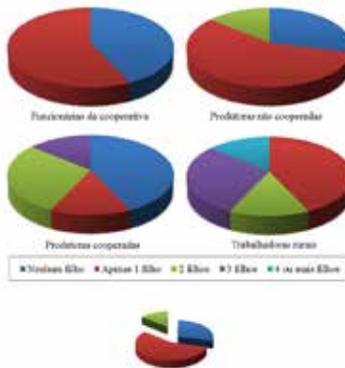
Figura 8. Número de pessoas que residem na casa das entrevistadas e trabalham na cadeia produtiva do café



Fonte: Elaboração Própria (2017).

Com relação ao número de filhos, 57% das funcionárias da cooperativa possuem apenas um filho e o restante (43%) não possuem filhos. No setor das cafeicultoras cooperadas verifica-se que 43% das mulheres não possuem filhos, enquanto 29% tem dois filhos, 14% possuem um filho e 14% tem quatro filhos ou mais (FIGURA 9). Ao comparar os dois setores da cadeia produtiva do café nota-se que em ambos 43% das entrevistadas não tem filhos, no entanto, 71% das funcionárias da cooperativa apresentam idade entre 26 a 35 anos, enquanto, 71% das cafeicultoras cooperadas possuem entre 46 e 59 anos (FIGURA 1). Acredita-se que as funcionárias da cooperativa em função da idade mais reduzida ainda terão filhos. Mas, como nenhuma das entrevistadas desse setor afirmou ter mais de um filho, é provável que essas mulheres não terão muitos filhos, o que parece ser uma tendência nos dias de hoje. As mulheres com maior grau de escolaridade diminuem as taxas de natalidade e casam-se com idades mais avançadas, conforme foi observado no estudo no perfil das funcionárias da cooperativa (RIBEIRO, 2017). Em relação às cafeicultoras cooperadas observa-se um percentual significativo (43%) de mulheres solteiras (FIGURA 4) e sem filhos (43%), mesmo que a maioria (71%) já apresente uma idade mais avançada (46 a 59 anos). Esses dados, juntamente com as conversas que tivemos durante as entrevistas, nos permitem inferir que algumas dessas participantes permanecerão solteiras e não terão filhos. Mulheres solteiras que não se casam e vivem no meio rural auxiliam nos cuidados com os pais e sobrinhos, além de ajudarem nas lidas da casa e da roça. A maior parte das trabalhadoras rurais (57%) possuem 2 ou mais filhos e 43% tem apenas um filho. Mesmo apresentando a menor renda entre os perfis analisados (FIGURA 5), as trabalhadoras rurais são as mulheres que possuem a maior quantidade de filhos. Esse setor foi o único entre os avaliados em que nenhuma entrevistada não possui filhos. Já a maior parte das cafeicultoras não cooperadas (57%) afirmaram possuir um filho (FIGURA 9).

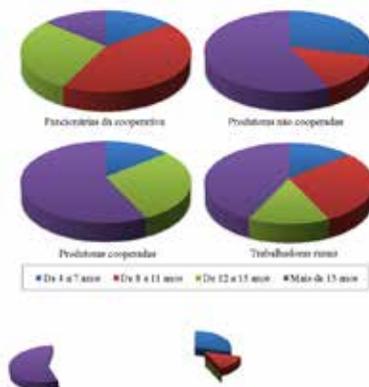
Figura 9. Número de filhos das entrevistadas da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso - MG



Fonte: Elaboração Própria (2017).

Com relação ao tempo de serviço na área profissional, o público entrevistado apresenta experiência, uma vez que nenhuma das entrevistadas possui menos de três anos de atuação na área e a maioria das mulheres (mais de 70%) trabalha há mais de oito anos na cafeicultura (FIGURA 10). Resultado semelhante foi encontrado em um estudo realizado no município da Barra do Choça – Bahia, em que os autores entrevistaram 25 mulheres ligadas ao setor cafeeiro e verificaram que a maior parte das entrevistadas tinham entre 10 a 25 anos de experiência no setor cafeeiro (MEIRA et al., 2013).

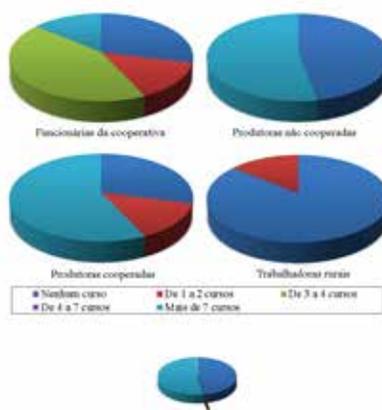
Figura 10. Tempo de atuação das entrevistadas da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso - MG



Fonte: Elaboração Própria (2017).

Na figura 11 é apresentada a caracterização das mulheres quanto ao “Conhecimento específico da atividade cafeeira”, ou seja, uma estimativa de quantos cursos realizaram nesta área desde que entraram na atividade. A maioria das trabalhadoras rurais (86%) nunca realizou nenhum curso ligado à cafeicultura ou atividades agrícolas, enquanto 14% realizou entre 1 e 2 cursos. A maior parte das trabalhadoras rurais (86%) atua na área há mais de 8 anos (FIGURA 10). Contudo, as mesmas ainda não realizaram cursos ligados à sua área de atuação. Observa-se também que 100% dessas entrevistadas possuem o ensino fundamental incompleto ou não são alfabetizadas, ou seja, não completaram o 9º ano (FIGURA 3). Diante dessas constatações, verifica-se que as trabalhadoras rurais de Bom Sucesso necessitam de maiores oportunidades de estudo tanto formal quanto de cursos para realizarem atividades agrícolas. O investimento em formação e capacitação das mulheres rurais para os trabalhos agrícolas pode ser tão importante e urgente quanto o ensino formal, já que aquele aprendizado poderia contribuir para diversificar as opções de trabalho das mulheres, elevar sua renda pessoal e fortalecer sua posição pessoal (TEIXEIRA, 1994). Dessa forma, acredita-se que a formação e a capacitação dessas mulheres poderia propiciar a conquista de um emprego formal na entressafra do café, tendo em vista que a maior parte dessas mulheres só consegue emprego com carteira assinado durante a colheita do café.

Figura 11. Conhecimento específico da atividade cafeeira das entrevistadas da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso - MG

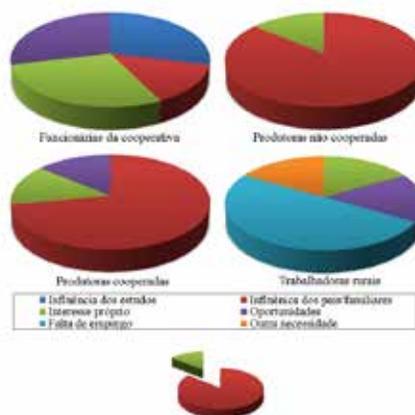


Fonte: Elaboração Própria (2017).

Em relação às cafeicultoras, verifica-se que aquelas cooperadas realizaram mais cursos do que as não cooperadas, uma vez que 71% das cafeicultoras cooperadas e 43% das agricultoras não cooperadas já realizaram pelo menos um curso ligado à cafeicultura ou atividades agrícolas. Neste aspecto é possível observar a importância da cooperativa, pois a mesma promove cursos que proporcionam uma melhor capacitação dos produtores rurais. No entanto, o setor das cafeicultoras não cooperadas possui entrevistadas que apresentam mais de 7 cursos. Provavelmente, essas mulheres viram nestes cursos uma forma de melhorar a qualidade de seu café sem, necessariamente, associar-se à cooperativa. Já a maior parte (43%) das funcionárias da cooperativa realizou entre 3 a 4 cursos, 14% entre 1 e 2 cursos, 14% mais de 7 cursos e 29% ainda não realizou nenhum curso (FIGURA 11).

Outra variável analisada foi o “Motivo por atuar na atividade cafeeira”, conforme é apresentado na Figura 12. Nota-se que 86% e 72% das cafeicultoras não cooperadas e cooperadas, respectivamente, atuam na área por influência dos pais e familiares. Quando as funcionárias da cooperativa foram questionadas quanto ao motivo da escolha pela área de atuação, as principais respostas foram influência dos estudos (28%), interesse próprio (28%), oportunidade (28%) e influência dos pais (aproximadamente 14%). E com relação às trabalhadoras rurais nota-se que a maioria (72%) atua na área por necessidade, enquanto 14% por interesse próprio e o mesmo percentual por oportunidade (FIGURA 12). Dessa forma, verifica-se que às funcionárias da cooperativa foram o grupo que apresentou uma diversidade maior de influências, e também foi o único setor onde as mulheres optaram pela área em função dos estudos, enquanto a influência dos pais e familiares é mais marcante no grupo das cafeicultoras. Já a inserção dada pela necessidade é característica do setor das trabalhadoras rurais, pois essas mulheres, em sua maioria, não possuem formação acadêmica, buscam na colheita do café um meio de ganhar a vida e sustentar sua família, mesmo sendo um trabalho árduo, sazonal e com menor remuneração. Ao perguntar às mulheres inseridas em diversos setores da cadeia produtiva do café no município da Barra do Choça na Bahia por qual motivo iniciaram atividades relacionadas ao café, as respostas foram várias. Uma delas foi à implantação da cultura do café em 1975, pois era a cultura que melhor se adaptava à região, e outra porque gostam de trabalhar com a cultura (MEIRA et al., 2013).

Figura 12. Motivo pelo qual às entrevistadas optaram por trabalhar na cadeia produtiva do café



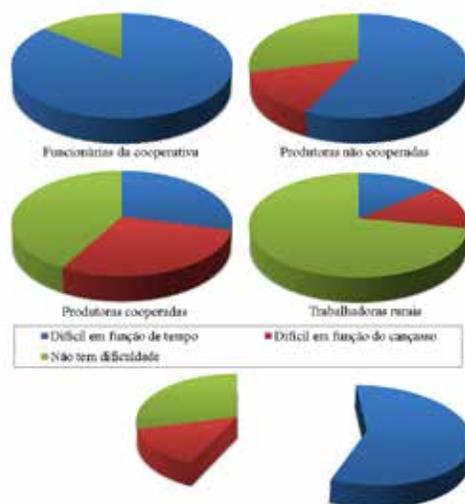
Fonte: Elaboração Própria (2017).

Ao questionar às funcionárias da cooperativa sobre a existência de igualdade entre os salários de homens e mulheres, 43% das entrevistadas acham que os rendimentos entre os dois sexos não são iguais, 43% declararam que o valor do salário depende da competência de cada profissional por isso não são iguais, ao passo que 14% mencionaram que os salários são igualitários. Em relação às cafeicultoras cooperadas nota-se que 57% acham que homens e mulheres não possuem o mesmo rendimento, 29% acreditam que os salários entre ambos são iguais e 14% afirmaram que o salário depende da eficiência profissional de cada pessoa. Para 86% das trabalhadoras rurais existe diferença entre os salários de homens e mulheres, enquanto 14% não souberam responder. Já a maior parte das cafeicultoras não cooperadas (72%) afirmou que os salários entre os dois sexos são iguais (FIGURA 13).

A participação feminina no mercado de trabalho cresceu significativamente nas últimas décadas. As mulheres estão presentes em todos os segmentos e classes empresariais, apesar de ainda existirem desigualdades de oportunidades no mundo do trabalho, diferenciais de rendimentos entre os dois sexos e obstáculos aos planos de ascensão a cargos de chefia. Inúmeras vezes o trabalho feminino foi considerado como ajuda ou complemento ao trabalho masculino (DAMASCENO, 2010). Atualmente, avançou-se o caminho para a igualdade entre os sexos, em função da luta permanente das mulheres em busca de espaço e reconhecimento profissional, que vem assegurando direitos e garantindo novas oportunidades (SERPA, 2010). No entanto, é necessário que esse esforço continue para que se reduza a diferença entre homens e mulheres, conforme foi observado no presente estudo e, conseqüentemente, se alcance maior igualdade entre os sexos na cadeia produtiva do café.

Na Figura 14 é apresentada a variável “Dificuldade em conciliar as tarefas executadas na esfera produtiva com as feitas no âmbito doméstico”, ou seja, principal obstáculo enfrentado pelas mulheres em função da dupla jornada de trabalho. Para 86% das funcionárias da cooperativa é difícil conciliar as atividades desenvolvidas “fora do espaço da casa” com as executadas “dentro do espaço da casa” pela falta de tempo para se dedicar à todas essas tarefas, enquanto 14% das entrevistadas desse setor não vê dificuldade em conciliar essas atividades. Resultado semelhante foi observado no setor das cafeicultoras não cooperadas, em que para a maioria das entrevistadas (57%) a falta de tempo também é o que mais dificulta a realização da dupla jornada de trabalho, ao mesmo tempo que 29% não vê dificuldade em fazer todas essas atividades e 14% acham difícil em função de ser cansativo. Estes resultados indicam que a falta de tempo para se dedicar às atividades profissionais e domésticas é o mais difícil para a maioria das funcionárias da cooperativa e cafeicultoras não associadas à cooperativa. Sabe-se que o envolvimento das mulheres em atividades remuneradas aumenta a sua independência financeira. Mas, por outro lado, o tempo passa a ser cada vez mais exíguo, enquanto que para o homem permanece quase o mesmo; o que leva a mulher a realizar uma dupla jornada de trabalho (BARROS et al., 2014).

Figura 14. Maior dificuldade encontrada pelas entrevistadas ao conciliar as tarefas executadas no âmbito doméstico com as realizadas na cadeia produtiva do café



Fonte: Elaboração Própria (2017).

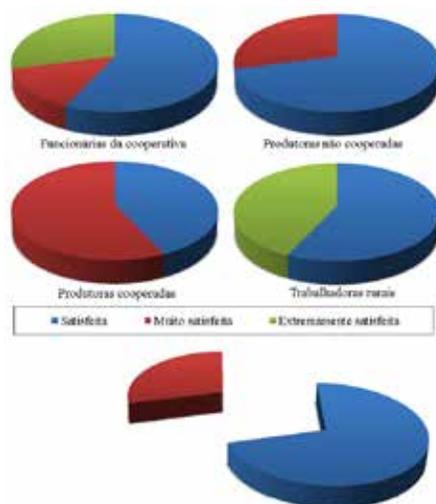
A maior parte das trabalhadoras rurais (72%) não vê dificuldades com a realização da dupla jornada de trabalho, ao passo que 14% acha difícil conciliar essas atividades em virtude da falta de tempo e o mesmo percentual por acharem muito cansativo. Um fato que chama atenção é que mesmo esse setor concentrando as mulheres que possuem o maior número de filhos e executam atividades agrícolas que exigem bastante esforço físico, o que teoricamente seria cansativo, para a maioria delas não é difícil conciliar o trabalho no campo com os cuidados com a família e casa. Talvez esse resultado possa ser explicado pelo fato da maioria das trabalhadoras rurais não atuarem nas propriedades agrícolas durante todo o calendário agrícola, mas, somente no período da colheita (SIMÕES et al., 2016). Em relação às cafeicultoras cooperadas à cooperativa verifica-se que 42% não vê dificuldade em conciliar as diferentes tarefas, 29% acha difícil em função de ser cansativo enquanto o mesmo percentual de entrevistadas considera difícil em virtude da falta de tempo para executar todas essas incumbências (FIGURA 14).

Outra ocorrência que merece uma reflexão é que nenhuma das entrevistadas

mencionou problemas de saúde em decorrência da dupla atividade realizada por elas tanto na esfera profissional como no âmbito doméstico, diferentemente do que foi verificado em um estudo que analisou a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul, em que a autora constatou conseqüências negativas da dupla jornada de trabalho como: “doença dos nervos”, problemas da coluna vertebral e outros males causados pela excessiva exposição ao sol e à umidade (BRUMER, 2004).

No que diz respeito à satisfação quanto à qualidade de vida, 57% das trabalhadoras rurais declararam estar satisfeitas, 14% estão muito satisfeitas e 29% estão extremamente satisfeitas. Isto sugere que mesmo com renda e escolaridade baixa essas mulheres estão satisfeitas. No setor das funcionárias da cooperativa, 57% das mulheres estão satisfeitas, enquanto 14% estão muito satisfeitas e 29% estão extremamente satisfeitas. Em relação às cafeicultoras observa-se que a somatória das entrevistadas que se julgam satisfeitas é de 100%. No entanto, nenhuma delas se declarou extremamente satisfeita com à qualidade de sua vida, mesmo que possuam os rendimentos mais elevados (Figura 15). Nenhuma das entrevistadas de qualquer setor da cadeia produtiva do café declarou estar pouco satisfeita ou insatisfeita quanto à qualidade de sua vida. Resultado semelhante foi observado em um estudo realizado no município da Barra do Choça – Bahia, no qual os autores entrevistaram 25 mulheres ligadas ao setor cafeeiro e constataram satisfação das mulheres que trabalham com a cafeicultura. De acordo com os autores estas mulheres possuem autoestima elevada, pois estão satisfeitas com sua vida, que inclui o trabalho com o café, a família, ter seu próprio dinheiro para comprar o que desejam ou investir em algo novo (MEIRA et al., 2013). Elas querem recompensas não apenas financeiras, mas também “intrínsecas”, tais como satisfação, bem-estar e sensação de colaborar com algo importante (DAMASCENO, 2010).

Figura 15. Satisfação quanto à qualidade de vida das entrevistadas da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso - MG



Fonte: Elaboração Própria (2017).

Deve-se levar em conta às difíceis condições de vida e de acesso às políticas públicas que afetam às mulheres, aprofundando ainda mais as desigualdades específicas de gênero (HEREDIA; CINTRÃO, 2006), no caso específico do presente estudo o segmento das trabalhadoras rurais. Acredita-se que as informações contidas nesse trabalho poderão provocar e auxiliar no planejamento de ações e políticas públicas que possam beneficiar às mulheres, em especial às trabalhadoras rurais, e, conseqüentemente, melhorar às condições de vida dessas mulheres.

Conclusão

O presente estudo possibilita a visualização do perfil das mulheres que atuam em distintos setores da cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso - MG, incluindo dados sobre diversidade étnica, econômica e educacional dessas mulheres. As informações apresentadas visam provocar e auxiliar no planejamento de ações e políticas públicas para melhorar a qualidade de vida dessas mulheres, especialmente daquelas mais carentes, que são as trabalhadoras rurais responsáveis pela colheita do café. É importante ampliar a visibilidade e

conscientizar a sociedade sobre a importância do trabalho realizado por elas para o sucesso e o desenvolvimento sustentável da cafeicultura no município de Bom Sucesso - MG.

Referências

ARZABE, C.; ABU-HANA, R. *Uma abordagem de gênero no universo da pesquisa sobre café*. In: IX Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil, 2015, Curitiba. Brasília: EMBRAPA Café, 2015.

BARROS, V. A. M.; FIÚZA, A. L. C.; DA SILVEIRA, L. N.; PEREIRA, G. A. Os efeitos do trabalho sazonal das mulheres na colheita do café em um campo em transformação. *Campo Território*, n. 17, 2014.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do rio grande do sul. *Estudos Feministas*, n. 1, 2004.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX. *Cadernos Pagu*, n. 17/18, 2001/02.

DAMASCENO, L. D. J. *Empreendedorismo feminino: um estudo das mulheres empreendedoras com modelo proposto por Dornelas*. 2010. 59 f. - Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Administração de Empresas). Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, 2010.

HEREDIA, B. M.; CINTRÃO, A.; PEZZA, R. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. *Revista Nera*, n. 8, 2006.

HAIR JUNIOR, J. F.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L.; WILIAM, C. *Multivariate data analysis*. 4th ed. New Jersey: Prentice Hall, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Agropecuário 2006*. Resultados Preliminares. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

LOVATTO, P. B.; CRUZ, P. P.; MAUCH, C. R.; BEZERRA, A. A. Gênero, sustentabilidade e desenvolvimento: uma análise sobre o papel da mulher na agricultura familiar de base ecológica. *Redes*, n. 2, 2010.

MACEDO, G. R.; BINSZTOK, J. Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas. *Revista Nera*, n. 10, 2007.

- MEIRA, A. L.; SANTOS, P. R. P.; CONCEIÇÃO JÚNIOR, V.; DE OLIVIERA, D. F.; OLIVIERA, H. H.; DE SOUZA, S. E. *Uma abordagem sobre o papel da mulher na cadeia produtiva do café no município da Barra do Choça – Bahia*. In: VIII Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil, 2013, Salvador. Brasília: EMBRAPA Café; 2013.
- MENEZES, R. S. S. *A sustentabilidade da cafeicultura nas mãos das mulheres*. II Conferência “Women in The World of Coffee – Fostering the Quiet Revolution”. Trieste: 2015.
- TEIXEIRA, Z. A. *Perspectiva de Gênero na Produção Rural*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 1994.
- RIBEIRO, P. S. *O papel da mulher na sociedade*. 2017. Brasil Escola [homepage na internet]. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-papel-mulher-nasociedade.htm>. Acesso em: 28 jul. 2017.
- SERPA, N. C. *A Inserção e a discriminação da mulher no mercado de trabalho: questão de gênero*. In: Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010, Florianópolis. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2010.
- SILIPRANDI, E. *Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.
- SIMÕES, N. M.; NAVES, B. A. R.; BALIZA, P. B.; PEREIRA, S. P.; CASTANHEIRA, D. T.; ROSA, B. T. *Perfil das trabalhadoras assalariadas na colheita de café em Bom Sucesso - MG*. In: 42º Congresso Brasileiro de Pesquisas Cafeeiras, 2016, Serra Negra. Serra Negra: Fundação Procafé; 2016.
- SOUZA, R. E. M.; VIEGAS, L. P. *Os múltiplos papéis assumidos pela mulher no campo: a territorialidade das agricultoras familiares do assentamento banco da terra - MT*. In: V colóquio do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER), 2013, Cuiabá. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), 2013.

Recebido em novembro de 2017.

Aceito em novembro de 2017.